

ENTRE PRÁTICA E CURA: CRENÇAS, SABERES E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA TERRA DAS DIANAS.

Michelle Melo Póvoa¹, Jorge Luís de Medeiros Bezerra², Antonio Guanacuy Almeida Moura³, Kátia Gonçalves Morais⁴

¹Estudante do Curso Técnico em informática Integrado ao Ensino Médio – IFTO. Bolsista de Projeto de Extensão. E-mail: < michellemelopo-voa@gmail.com >

²Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins-IFTO, mestre em Ensino de História, Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: < jorge.bezerra@ifto.edu.br >

³Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins-IFTO, mestre em Ensino de História, Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: < antonio.moura@ifto.edu.br >

⁴Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins-IFTO. E-mail: < katia.morais@ifto.edu.br >

Resumo: A expansão da indústria de medicamentos é relacionada ao processo de industrialização comum ao modelo capitalista de produção, em que tudo se transforma em mercadoria. Associado a esse processo, houve o fenômeno da urbanização, que proporcionou o crescimento das cidades. Como consequência desses eventos, deu-se a desvalorização de certas práticas ligadas às culturas tradicionais. A arte de manipular plantas medicinais é uma dessas práticas culturais que se perdem gradativamente, cultura essa que remonta às mais antigas civilizações, como a chinesa e a grega. Ligado ao conhecimento do uso das plantas medicinais, temos um conjunto de crenças que fazem parte do mosaico cultural brasileiro, que podem ser observados na figura dos benzedores. Esse artigo tem como objetivo expor os resultados de uma pesquisa voltada para a catalogação e registro das principais espécies de plantas medicinais que são utilizadas no município de Dianópolis, bem como registrar o modo de preparo dos remédios caseiros utilizados por raizeiros e benzedores dianapolinos a partir do uso dessas plantas, evidenciando assim, um aspecto da cultura imaterial local. O caminho metodológico dar-se-á por meio de uma pesquisa de campo, seguida da observação e registro participativo dos conhecimentos tradicionais sobre os usos das plantas medicinais, a fim de preservar esses saberes.

Palavras-chave: benzedores, Dianópolis, memória, plantas medicinais.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo é resultado de um projeto de pesquisa que teve como objetivo fazer um levantamento acerca dos costumes e crenças dos usos das plantas medicinais associadas ou não as crenças de benzedura. As crenças, saberes e o uso de plantas medicinais são práticas sociais e culturais cotidianas no espaço-tempo da formação cultural do povo brasileiro. O uso e compartilhamento desses saberes, refere-se ao que se denomina de patrimônio imaterial, sendo este patrimônio segundo a convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (2003), no seu artigo 2.º, considerado um saber que é transmitido de geração a geração, ou seja, conhecimentos, saberes, experiências que emergem da memória coletiva e técnicas que são recriados e transmitidos de geração em geração.

O uso de plantas medicinais é uma prática comum que ocorre ao longo de toda a história da humanidade. A medicina alternativa sobrevive até os dias atuais e inclusive tem ganhado força, principalmente por populações mais carentes, na atualidade aproximadamente “80% da população utiliza recursos da medicina popular para o tratamento de alguma doença” (FIRMO *et al.*, 2011, p. 90).

As referências históricas sobre plantas medicinais trazem relatos de seu uso em praticamente todas as antigas civilizações. Segundo Brandelli e Da Cruz Monteiro (2017, p. 16), “As primeiras descrições do uso de plantas com fins terapêuticos foram escritas em cuneiforme”, sendo estes conhecimentos transmitidos entre as civilizações da antiguidade.

Sabe-se que o uso de plantas, que constituem parte do nosso patrimônio natural, é a base para produção de fármacos e matéria-prima para preparação de remédios caseiros, sendo estes últimos provenientes do saber tradicional que é repassado entre as gerações, constituindo-se, portanto, em uma prática e experiência da cultura imaterial.

O Brasil é detentor de uma inestimável biodiversidade, dentre estes o cerrado, rico em uma flora riquíssima, onde “várias espécies são exploradas por suas propriedades medicinais” (OLIVEIRA, 2012, p.12). Portanto, é indispensável um processo contínuo de atualização em relação às espécies vegetais que o compõem e suas propriedades medicinais. Para tal, faz-se necessário o conhecimento popular já existente e, em cima disso, desenvolver pesquisas, de forma a aproveitar o que já se sabe. A importância dos estudos também se caracteriza pelo fato das plantas medicinais apresentarem várias qualidades que as tornam interessantes, entre elas pode - se destacar: a alta biodisponibilidade no meio ambiente, o baixo custo de acesso às pessoas que as utilizam.

A humanidade ao longo de sua trajetória inúmeras vezes se deparou frente sua própria fragilidade, fragilidade essa que fica mais evidente quando somos acometidos de alguma enfermidade. Buscar a proteção física e espiritual faz parte da nossa essência humana. Compreender as doenças e suas diversas formas de tratamento nos fez chegar onde estamos hoje.

Por muito tempo se acreditou que as doenças fossem ligadas ao plano espiritual. A peste negra, por exemplo, foi associada a algum tipo de castigo divino. Sousa (2018) em seu artigo Benzer, orar e educar: percursos de uma curadora da Amazônia, comenta que os sintomas das enfermidades eram associados a fenômenos da natureza ou a vontade divina, e segundo o autor “[...] homens e mulheres, dotados de capacidade para se relacionar com o sagrado e manipular as forças espirituais, dominaram o espaço de cura em diferentes tempos, lugares e culturas, traduzindo os sintomas aos doentes e ensinando lhes a cura ” (SOUSA, 2018, p. 1).

Ainda segundo Sousa (2018), as formas de tratamento desses males dependiam da relação que os curadores tinham com o meio ambiente, ou seja, como eles dominavam as ervas medicinais e outros métodos de tratamento como a sangria, contudo, o autor chama a atenção para o elemento religioso, sendo este um componente fundamental no tratamento. Ainda segundo a autor com o advento da modernidade houve a institucionalização das formas de tratamento das doenças e com isso, o ofício dos curandeiros que ligavam sua forma de cura ao sagrado ou mesmo a uma forma mágico religiosa passa a

dar lugar ao conhecimento científico articulado. Contudo, o autor afirma que esses métodos de tratamento não sumiram totalmente, sendo hoje classificados como medicinas paralelas ou ainda medicina popular. Nesse bojo citamos as benzeduras com parte integrante da medicina popular.

Quintana (1999) em seu livro *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*, chama a atenção para o fato de que mesmo a medicina oficial não se desvinculou totalmente da fé, pois é comum em hospitais ou clínicas a presença de símbolos religiosos como crucifixos nas portas, imagens de santos e entre outros que remetem a fé cristã, por exemplo.

Dessa forma, o estudo das crenças e saberes sobre uso de plantas medicinais e benzeduras neste artigo abre espaço para refletirmos sobre os usos e costumes locais no que se refere ao uso das plantas medicinais, bem como buscar preservar esses saberes, para que não se percam com o tempo e para que as novas gerações possam ter acesso a esses conhecimentos.

2 METODOLOGIA

O percurso metodológico dar-se-á por meio de uma pesquisa de campo, que segundo Gonçalves (2014, p.63), “consiste na observação dos fatos como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis [...] para posteriores análises [...]”. A pesquisa de campo proposta nesta pesquisa, será seguida da observação e registro participativo dos conhecimentos tradicionais sobre os usos das plantas medicinais.

Após identificação, encontros e entrevistas com os principais raizeiros e benzedores tradicionais do município de Dianópolis, situado na região sudoeste do estado do Tocantins, a 350 km da capital Palmas, iniciar-se-á o processo de registro participativo, onde por meio da ajuda destes terá início a coleta *in loco* das principais plantas medicinais utilizadas na farmacopeia popular dianapolina, catalogação das espécies identificadas, classificação taxonômica, registro dos nomes populares, principais crenças e saberes em torno do uso destas plantas.

As classificações científicas das plantas medicinais identificadas durante a pesquisa foram feitas com o auxílio de um profissional da área biológica, para que houvesse uma identificação científica e a caracterização popular, para fins de análise, registro e continuidade na transmissão desses conhecimentos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primordialmente, com o intuito de conhecer os saberes populares da cidade de Dianópolis – Tocantins, sobretudo no que diz respeito às rezas e as plantas da medicina tradicional da região, foram realizadas entrevistas com alguns moradores da cidade, colhendo amostras quando necessário.

O primeiro contato foi realizado na segunda quinzena de outubro 2019, com a senhora Juliana Cardoso de Cirqueira, de 84 anos, que é conhecida por benzer, sendo procurada por muitos moradores da região. Durante a entrevista, ela pôde explicar como aprendeu e como realiza as rezas. As principais rezas efetuadas por ela são para as seguintes causas: quebrante, dor de barriga e arca-caída, as quais ela utiliza a mais de 40 anos, ajudando na cura de muitas pessoas.

Além disso, devido ao seu vasto conhecimento da cultura natural local, ela apresentou o nome e a funcionalidade de diversas plantas e raízes medicinais, usadas na cura para as mais diversas doenças, desde décadas passadas até a atualidade, mesmo com os avanços da indústria farmacêutica. Dona Juliana ressalta a importância que a reza e que o uso dessas plantas possui, haja vista que já recebeu relatos de diversas pessoas que não conseguiram ajuda médica eficaz e nem remédios que fossem tão significativos como os que a reza ou as plantas/raízes proporcionaram.

Também foi realizada outra entrevista, em 28 de novembro de 2019, para que fosse possível aprofundar o conhecimento sobre a tradição de fé existente entre os benzedores de Dianópolis. A entrevistada em questão, Lindaura Alves Dias, possui 59 anos e relatou casos marcantes vivenciados por ela, onde foi possível realizar a cura por meio das rezas. Com isso, ela efetua rezas voltadas para: vento caído, arca caída, dor de barriga ou cólica em recém-nascido, quebrante e para dor de cabeça. Ela também é procurada por muitos moradores da região, inclusive por profissionais da área da saúde, onde remédios não foram eficientes.

A seguir apresentamos algumas rezas apresentadas pelas benzedoras, dona Juliana (informação verbal)¹ e dona Lindaura (informação verbal)², para o tratamento de alguns males por elas relatados:

“Arca – caída:

Deus quando andou no mundo três coisas Ele deixou

A arca caída, vento e tela espinhela que Jesus Cristo levantou

Com o poder de Deus, da Virgem Maria e do Divino Espírito Santo (3x) ”

“Dor de barriga

Água fria corridinha

Por aqui passou o filho da Virgem Maria

Curando de dor de barriga, cólica e todo mal que houver

Com o poder de Deus e da Virgem Maria Amém (3x)

¹ Entrevista concedida por CIRQUEIRA, Juliana Cardoso. Entrevista II. [Out.2019]. Entrevistadora: a Michelle Mello Póvoa. Dianópolis. Outubro, 2019. Arquivo mp3 (40 min).

² Entrevista concedida por DIAS, Lindaura Alves. Entrevista I. [Out.2019]. Entrevistadora: Michelle Mello Póvoa. Dianópolis, Outubro. 2019. Arquivo mp3 (50 min).

Para Moura (2010), O conhecimento sobre ervas e plantas medicinais, sobre as rezas contra mau olhado, quebranto e espinhela- caída, etc., coexistem nas mais diferentes camadas da sociedade brasileira ao longo da sua história; e ainda hoje se propagam no imaginário e no seio da nossa população; que consideram tais saberes indissociáveis de sua fé e religiosidade.

Tendo em vista que a pesquisa também possui o viés de obter conhecimento sobre as plantas e raízes utilizadas na região com o intuito medicinal, outras pessoas foram visitadas com o objetivo de recolher algumas informações e amostras das plantas medicinais mais utilizadas no município e para adquirir maior conhecimento sobre as diversas funcionalidades e forma de utilização das plantas e raízes, que historicamente são utilizadas como alternativa humana para melhorar a qualidade de vida.

As visitas proporcionaram o acesso a muitas plantas utilizadas com o propósito de cura pelos moradores da região, muitas delas mencionadas pela senhora Juliana Cardoso de Cirqueira, o que comprova a tradição do povo dianapolino, em que o uso de plantas como alternativa natural para o tratamento de doenças é amplamente utilizado. Em 4 de janeiro de 2020, foi realizada uma visita na residência de uma moradora de Dianópolis, a senhora Sheila Cavallari Cavalcante, haja vista que ela possui um vasto cultivo de plantas medicinais.

Dentre as plantas medicinais cultivadas, registradas, como se observa na imagem 1, e identificadas por seus nomes populares durante essa visita, cita-se: a mulatinha, hortelanzão, hortelanzinho, boldo do Chile, boldo sete dores, quitoco, ora-pro-nobis, moringa, erva cidreira e alecrim.

Imagem 1: Plantas medicinais



Fonte: Os autores da pesquisa

Ela relatou que essas plantas são altamente utilizadas por ela e por toda sua família e que ela é procurada por muitos moradores para que possa conceder algumas folhas de suas plantas, para a realização de infusões e chás.

Observa-se portanto que as plantas do cerrado oferecem diversas alternativas como raízes, cascas e etc. que são bastantes utilizadas nas práticas de cura popular, sendo este conhecimento transmitido de geração em geração, conforme nos esclarece Dias e Laureano:

A biodiversidade do Cerrado oferece raízes, cascas, resinas, óleos, folhas, argilas, água, e outros diversos recursos naturais que são primorosamente manejados por suas populações para a prática da medicina popular. A medicina popular é um sistema de cura utilizado pelo povo para o tratamento de seus diversos males. A sua prática é baseada no conhecimento tradicional, transmitido de geração em geração e; no uso de diversos recursos como: remédios caseiros, dietas alimentares, banhos, benzimentos, orações, aconselhamentos, aplicação de argila, entre outros. (DIAS; LAUREANO, 2009, p. 42)

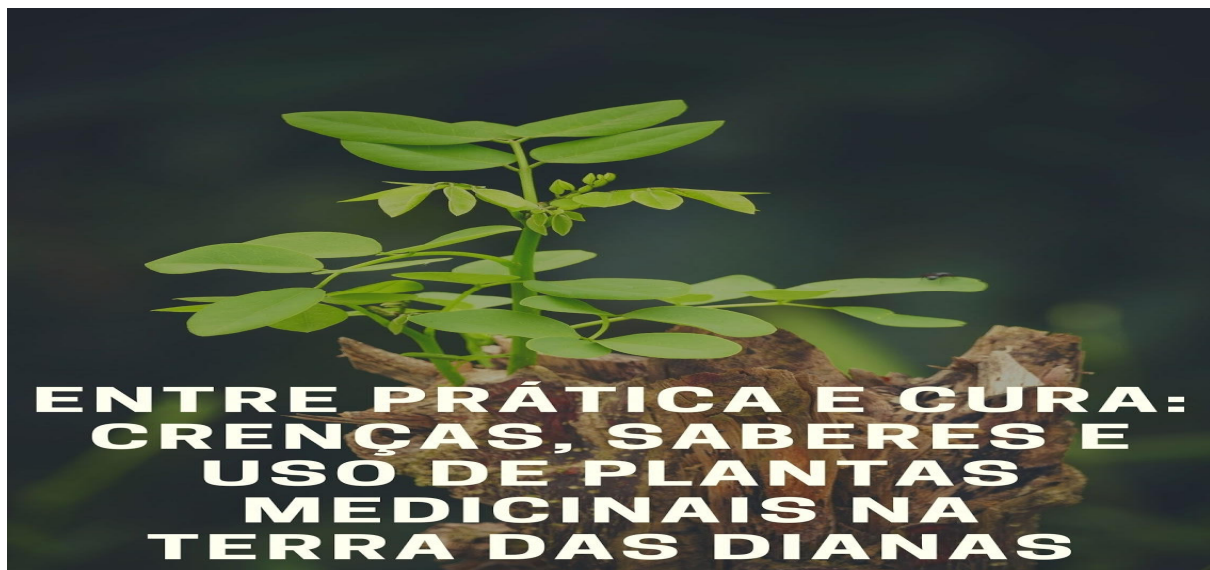
Além das espécies citadas, outras também foram conhecidas, por meio de visitas a outras moradoras. Em 5 de janeiro de 2020, foi realizada uma visita a casa de Maronita Alves de Lima França, 50 anos, natural de Dianópolis, que também possuía em sua residência algumas plantas de uso medicinal, onde explicou a forma de utilização e para que servia tais plantas. São elas: Caninho de macaco, bureré e pau d'óleo. No mesmo dia, foi realizada uma visita a casa da senhora Joaquina Alves de Lima, de 76 anos, que cultivava *Aloe vera*, erva cidreira e capim-santo para uso medicinal. Sua família sempre pede um pouco quando está com alguma doença que é tratável pelo uso das plantas, preferindo muitas vezes o uso das mesmas, em detrimento dos remédios.

Observa-se portanto que a medicina popular, representada pelo uso de plantas medicinais, têm na sua utilização uma grande importância popular, pois são de fácil acesso e baixo custo, sendo o seu uso representado culturalmente por meio das crenças, simpatias, receitas caseiras, provenientes do conhecimento da natureza. E Mesmo com o avanço da medicina oficial as práticas de cura, saberes e crenças populares ligadas ao uso de plantas medicinais não sumiram do imaginário popular, sendo ainda bastante utilizado no sudoeste do estado Tocantins, conforme destaca Liberato:

Descendo sertão do Duro pra Conceição, são lendários os curandeiros, os rezadores e os raizeiros; são comuns os remédios caseiros para quaisquer macacoa, e parece que existe um consenso no respeitante à medicina popular, pois ao longo do território tocantinense, raros são os municípios em que determinada prescrição seja desconhecida, se é aplicada em outro. (LIBERATO, 2017, p. 90)

As Plantas medicinais citadas pelos entrevistados (benzedeiros, raizeiros e erveiros) da comunidade de Dianópolis, Tocantins, Brasil, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e usos medicinais, foram registrados em forma de catálogo, conforme demonstra a imagem 02.

Imagem 2: Capa do catálogo confeccionado sobre as plantas medicinais utilizadas nas terras das Dianias.



Fonte: Os autores da pesquisa

O catálogo confeccionado é o produto final dessa pesquisa, sendo parte importante desse projeto para que esses saberes e crenças não se percam, sendo possível posteriormente a consultado para fins de transmissão da sapiência popular as gerações futuras da cidade de Dianópolis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando um grupo social opta por um tipo de tratamento, devemos considerar que apesar de termos nossas individualidades, também somos definidos pelo coletivo, pelo social. Nossas escolhas são feitas a partir de uma série de signos definidos socialmente. Para Quintana (1999) isso ainda chega à forma como definimos nossa forma de buscar o tratamento terapêutico, pois “cada grupo social faz determinados recortes através dos quais constrói suas representações tanto da doença como da cura.” (QUINTANA, 1999, pg. 45). Para o autor, o social é que cria o corpo, sendo esses indivisíveis, o corpo transmite o social, deste modo, as doenças e as formas de tratamento traduzem o social.

Buscar um tratamento ou certas práticas terapêuticas, geralmente, fica condicionado ao que o grupo social define como correto, com a institucionalização da ciência a busca por tratamentos e explicações lógicas para patologias e curas ganharam força na sociedade moderna deixando os tratamentos populares em segundo plano, categorizadas a credices obscuras.

Embora o saber dito científico tenha-se propagado pelo país, as práticas de cura popular ainda são bastante comuns nos interiores do Brasil, tais como a benzedura e a utilização de plantas medicinais que são utilizadas como alternativa terapêutica para cura e alívio das doenças que afligem a alma e o corpo.

Nas nossas entrevistas não conseguimos identificar a gênese dessa prática na cidade de Dianópolis, outros trabalhos talvez respondam esses questionamentos. Mas, identificamos a partir de nossas entrevistas, que esta é uma prática transmitida entre os familiares, sendo uma herança cultural familiar.

O que nos leva a inferir, com as visitas e pesquisa realizada, que as práticas de cura, crenças, saberes e o uso plantas medicinais na terra das Dianas estão arraigadas no cotidiano e imaginário popular dianopolino, fazendo parte da rica cultura tradicional que a cidade de Dianópolis possui, onde os avanços terapêuticos não substituíram os saberes populares em sua totalidade, necessitando que esse conhecimento seja preservado e passado as gerações futuras, evidenciando a importância da pesquisa em questão.

REFERÊNCIAS

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, artigo 2.º**, 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF>. Pdf. Consultado no dia 05 de julho de 2019.

DIAS, Jaqueline Evangelista, LAUREANO, Lourdes Cardozo. **Farmacopeia Popular do Cerrado**. Coordenação. Goiás: Articulação Pacari (Associação Pacari), 2009.

FIRMO, W. C. A. et al. **Contexto Histórico, Uso Popular E Concepção Científica Sobre Plantas Mediciniais**. Cad. Pesq, v. 18, n. Especial, p. 90–95, 2011.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de Metodologia Científica**. São Paulo: Avercamp, 2ª ed. 2014

MOURA, Antonio Guanacuy Almeida. **A BOTICA DE ELEAZAR PEREIRA EM AMARANTE: confrontos entre o saber médico científico e o popular entre 1884 e 1900**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) Universidade Estadual do Piauí, Floriano, PI, 2010.

OLIVEIRA, Hans Werner Castro. **Cerrado e plantas medicinais: algumas reflexões sobre o uso e a conservação**. Ensino, Saúde e Ambiente V5 (3), pp. 102-120, dez. 2012

SOUSA, MARCIO BARRADAS; BARBOSA ALBUQUERQUE, MARIA BETÂNIA. **BENZER, ORAR E EDUCAR: PERCURSOS DE UMA CURADORA DA AMAZÔNIA**. Educação em Revista, v. 34, 2018.

PÓVOA, Liberato. **Que Saudades de São José do Duro**. - Goiânia: Kelps, 2017.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura: mau olhar, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Edusc Editora Da Universidade Do Sagrado Coração, 1999.